

VÍDEO-ESCOLA: ARTE, MÍDIA E EDUCAÇÃO CONFLUINDO NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Autor: Antonio Sidnei Ribeiro dos Santos¹

Orientador: Prof. Ms. Tiago Mendes Alvarez²

Resumo:

A integração da arte, por meio da produção audiovisual, com as tecnologias midiáticas digitais, abre novas possibilidades para o ensino da arte na escola. A ferramenta cinematográfica pode tornar-se um importante instrumento de mediação no processo de ensino e aprendizagem, processo que se dá nas relações e nas proposições artísticas específicas da imagem e do movimento. Neste artigo pretende-se apresentar o plano de ação efetuado na escola e que teve como proposta contemplar o estudo do cinema a partir de discussões, reflexões, apreciação, análise e produção. Além do aprendizado sobre linguagem, estrutura e técnica, os estudantes realizaram exercícios práticos com a produção de obras audiovisuais intercambiando os saberes adquiridos com experiências próprias. A metodologia utilizada neste plano de ação pautou-se na aplicação de conceitos relacionados ao tema, estudo das variáveis, percebendo o interesse por parte dos educandos em expressarem seus sentimentos, aspirações, indagações e outras possibilidades por meio dos recursos midiáticos, transformados em obras audiovisuais, de maneira crítica e reflexiva. As propostas de ações foram realizadas com estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Amyntas de Barros, na cidade de Pinhais/PR. A aplicação do vídeo-escola, sob o contexto da arte-mídia-educação, mostrou-se uma ação bastante positiva devido à inovação, atratividade e multiplicidade que vem proporcionar ao âmbito escolar.

Palavras-chave: Arte, Mídias, Educação, Audiovisual

¹ Licenciado em Educação Artística Pela Faculdade de Artes do Paraná, Especialista em Fundamentos do Ensino da Arte pela Faculdade de Artes do Paraná, Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Cidade de São Paulo, Professor de Arte da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. E-mail: antonio.santos@escola.pr.gov.br

² Mestre em Comunicação e Linguagens na linha de Cinema e Audiovisual, atualmente é professor do ensino superior do curso de Cinema e Audiovisual da UNESPAR – Campus Curitiba II/FAP, coordenador e professor do curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo no Colégio Estadual do Paraná. E-mail: tiagom.alvarez@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento tecnológico coloca a nossa disposição, a cada dia, novos aparelhos audiovisuais, que são usados de maneira indiscriminada, principalmente pelos jovens, construindo uma verdadeira mudança de comportamento. Esta mudança está em toda a sociedade, influenciando o modo de transmissão das informações, das comunicações, das relações e das formas de se fazer arte. Conseqüentemente a escola, como reflexo do seu meio social, também está inserida nesta invasão dos meios de comunicação, das ferramentas tecnológicas, ou seja, dos recursos midiáticos. Mas além de espelho da sociedade, a escola, em sua essência, também é um agente transformador dessa mesma sociedade, sempre questionando, estimulando a criticidade, trazendo reflexões e contextualizando os mais diferentes conhecimentos acumulados ao longo da história, com a realidade vivida e aquela almejada para o bem estar social. Assim também a arte se apropria dos recursos disponíveis em seu tempo e espaço, sendo estes aparatos tecnológicos logo subvertidos novas formas de se fazer arte, bem como para a disseminação das manifestações artísticas realizadas com equipamentos tecnológicos.

A integração entre a arte e as tecnologias digitais, valendo-se dos diferentes recursos midiáticos abre novas possibilidades para o ensino da arte na escola. A produção audiovisual pode tornar-se um importante instrumento de mediação no processo de ensino e aprendizagem, processo este que acontece tanto nas relações entre forma e conteúdo quanto nas proposições artísticas específicas da imagem e do movimento, como nas possibilidades de pesquisas no âmbito da cultura visual emergente deste meio, bem como na produção e tratamento de imagens que possam vir a ser construídas. A apropriação da pesquisa e da produção audiovisual na escola também mantêm relações colaborativas de construções, propondo um trabalho em conjunto entre estudantes, professores, instituições e comunidade. Traz consigo a proposta da construção do conhecimento coletivo, relativizando e propondo novas abordagens, para que a realidade vivida possa ser transformada através da imaginação, imagem em ação, através da produção de vídeos na escola.

Adquirir novos saberes sobre as formas de criação, produção e reprodução de imagens é essencial para repensar o ensino da arte na atualidade. A introdução de tecnologias digitais na escola, já é uma realidade, porém esta proposta coloca estas tecnologias como meio de ampliar o conhecimento, a reflexão e a contextualização.

Não apenas uma transformação na utilização enquanto recurso didático-pedagógico, mas que de fato seja uma algo a mais, um diferencial, um novo experimento escolar, neste caso, através da linguagem do cinema, suscitando mudanças na construção do conhecimento, na produção, armazenamento e difusão das informações. Desperta-se, desta forma, questionamentos sobre as relações sociais, métodos didáticos tradicionais e a redefinição do papel do professor e de sua relação e interação com os estudantes, onde ambos são responsáveis pelo planejamento das ações e sua execução para a obtenção de um resultado satisfatório.

O desenvolvimento da linguagem artística, de modo geral, requer participação e colaboração por parte dos estudantes, e, mais ainda no desenvolvimento da arte cinematográfica, que é essencialmente colaborativa, em que cada um é responsável pela realização do trabalho em cada uma de suas etapas, para que todos possam atingir os objetivos. Nesse sentido, é necessário que os estudantes interajam entre si para que cada fase do processo de desenvolvimento do filme seja contemplado.

Dentro do processo de ensino e aprendizagem em arte, o uso do vídeo na escola ganha uma conotação mais ampla pois favorece o relacionamento coletivo, estimulando a expressão e a comunicação e visa o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da capacidade crítica na apreensão do mundo circundante. Assim sendo, o conceito de criatividade também se amplia, favorecendo a ampliação do conhecimento artístico. O processo criativo é desenvolvido através da prática da produção audiovisual, da proposição, desenvolvimento e interpretação do fato ou acontecimento, transformado em objeto artístico diante de sua contextualização.

Estas possibilidades de utilização da produção do vídeo-escola como recurso enriquecedor do processo de ensino e aprendizagem, através de suas várias vertentes, tem se tornado o meio pelo qual os estudantes do Colégio Estadual Amyntas de Barros têm adquirido conhecimentos e visões diversas em arte, utilizando recursos midiáticos como processo de construção e desenvolvimento artístico. Desta forma, a implementação do recurso cinematográfico na escola tem ampliado o campo de pesquisa em arte, através da análise e produção da imagem e do movimento, da fruição, interação, apropriação e disseminação através destas manifestações artísticas valendo-se dos recursos tecnológicos e midiáticos tão próprios da contemporaneidade.

Este Projeto teve como problematização a produção audiovisual na escola por meio do estudo e aplicação da linguagem cinematográfica, com objetivo de desenvolver diálogos possíveis entre os educandos e as artes visuais por meio de ações educativas utilizando os recursos tecnológicos e midiáticas e a produção de obras esteticamente concebidas. Foram planejadas atividades práticas para a apreensão da linguagem cinematográfica com o intuito de um melhor entendimento na leitura das obras realizadas ao longo da história do cinema e também das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação. Através das diferentes mídias, com a aplicação dos códigos da linguagem, os estudantes assimilaram os conteúdos por meio da produção de obras audiovisuais. Os estudantes se expressaram interpretando fatos e acontecimentos do seu próprio cotidiano ou elaboraram obras a partir de novas possibilidades construídas na escola para serem relacionadas com o tempo e o espaço, presente e futuro num contexto pessoal e social.

2 ARTE, MÍDIA E EDUCAÇÃO CONFLUINDO NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

A mídia se encontra presente no cotidiano através das tecnologias da informação e comunicação (TDIC's) nas várias dimensões da humanidade como trabalho, lazer e entretenimento. Na elaboração da arte os elementos tecnológicos também se encontram presente sendo relevante uma análise radical da forma como os elementos são compostos e produzidos permeados pela TDIC's. A educação de acordo Reali (2007) manifestada pela compreensão de Friedrich e Scheid deve possibilitar entender, posicionar e analisar como a mídia e arte colaboram para a leitura do mundo. Compreendendo que:

Inserir a esfera midiática do meio do cinema como problemática do presente na educação promove um processo pedagógico preocupado com a construção do olhar que deve lançar luz sobre como se constrói a imagem para fins críticos e como se destrói a imagem para fins críticos, ou ainda, como ensinar através de imagem e como verificar os mecanismos e estratégias com os quais a imagem ensina através da mídia (REALI, 2007, p. 9 apud FRIEDRICH; SCHEID, 2012, p. 2).

Considerando a potencialidade do cinema e seu viés pedagógico para possibilitar uma leitura de mundo através da mídia no ambiente escolar, podemos proporcionar na criação de elementos para decompor as mensagens que a mídia apresenta no cotidiano contemplando a recepção dos estudantes e alterando a assimilação e vivência dos *input* midiáticos.

De acordo Friedrich e Scheid (2012) o processo de produção e análise da mídia contempla a visão prévia dos estudantes, o meio cultural que foi criado e encontra-se inserido modificando a forma de analisar e produzir arte, sendo que a produção do cinema no ambiente pedagógico altera, acrescenta ou modifica a postura inicial das pessoas, sendo uma ferramenta crítica que compreende enquadramentos, movimentos e ângulos podendo alterar a leitura de uma realidade.

Sendo relevante considerar que o uso da mídia e das diversas tecnologias deve superar a perspectiva instrumental, um exemplo dessa compreensão é a tese de Valente (1993, p. 05) “a presença do computador deve propiciar as condições para os estudantes exercitem a capacidade de procurar e selecionar informação, resolver problemas e aprender independentemente”, constituir metodologias que revelam possibilidades para além do fazer, mas exigem o planejamento, a intencionalidade, o pensamento antes do processo produtivo.

Construção do roteiro como uma atividade que possibilita uma reflexão sobre o porque de determinada ação ou diálogo para a transmissão da ideia, considerando o interlocutor da produção, superando a visão instrumental meramente reprodutiva presente na indústria cultural de massa.

Considerando que a arte é uma atividade inerente ao ser humano, nas suas mais variadas formas e possibilidades, produzidas de maneira independente ou confluídas num processo simultâneo, como é o caso da cultura da convergência, tão própria das produções contemporâneas, e, especificamente do audiovisual, do vídeo-arte e das mais variadas manifestações que se apresentam e se modificam constantemente. Perceber como,

A indústria cultural modela-se pela regressão mimética, pela manipulação dos impulsos de imitação recalcados. Para isso ela se serve do método de antecipar a imitação dela mesma pelo expectador e de fazer aparecer como já subsistente o assentimento que ela pretende suscitar (ADORNO, 1993, p.176).

Numa sociedade que está em constante ebulição, ainda mais na cabeça de jovens estudantes em formação cultural, que precisam se desvincular da mera reprodução do que lhe é imposto pela indústria cultural e buscar novos meios de explorar os recursos tecnológicos transformando-os em instrumentos de produção de criticidade através de obras esteticamente viáveis.

As tecnologias foram criadas tendo funções que divergem da finalidade da apreciação artística, o computador por exemplo se inicia como um objetivo bélico e posteriormente se altera para outros aspectos da vida humana, a revolução industrial colabora com os instrumentos que serão utilizados nos diversos campos, é preciso considerar o uso e a leitura no campo artístico sendo relevante os apontamentos de Machado (2007) sobre as máquinas semióticas que entende,

Talvez até se possa dizer que um dos papéis mais importantes da arte numa sociedade tecnocrática seja justamente a recusa sistemática de submeter-se à lógica dos instrumentos de trabalho, ou de cumprir o projeto industrial das máquinas semióticas, reinventando, em contrapartida, as suas funções e finalidades. Longe de se deixar esvaziar por uma norma, por um modo estandardizado de comunicar, as obras realmente fundadoras na verdade reinventam a maneira de se apropriar de uma tecnologia. (MACHADO, 2007, p. 14-15)

Os estudantes na sua maioria carregam consigo seus *smartphones* que dispõem de muitos recursos como câmera fotográfica, filmadora, acesso à internet e aplicativos que possibilitam edição e composição de fotografia, sons, imagens e vídeos. Porém, o hábito de consumo costuma limitar-se a mera recepção e reprodução destes áudios e/ou imagens sem a devida análise ou questionamento da sua função ou intencionalidade, disseminando costumes da “grande massa”, como *selfies* e filmagens banais, descompromissadas com a construção de um sentido imagético ou artístico.

Mas como então fazer com que nossos jovens estudantes oriundos dessa cultura de massa, da sociedade reprodutiva, sejam capazes de produzirem suas próprias obras providas de senso crítico e estético, por mais que a intencionalidade seja o entretenimento? Uma alternativa que se apresenta é justamente a aplicabilidade do conceito de arte-mídia-educação proposta, na qual existe a apropriação dos recursos tecnológicos disponíveis, transformando-os, subvertendo-os através da produção de ideias, conceitos, histórias, medos, angústias, aspirações, desejos, alucinações, alegrias, felicidades e tristezas, ou seja, arte. Mas para manipular tais “máquinas semióticas” é preciso dominar as técnicas de uso e sua linguagem, a linguagem cinematográfica por exemplo: preciso estudo, tempo e dedicação para a assimilação da técnica e da linguagem para daí a inserção da subjetividade e da contextualização, para sua contemplação ou indagação.

A arte de cada época é feita não apenas com os meios, os recursos e as demandas dessa época, mas também no interior dos modelos econômicos e institucionais nela vigentes, mesmo quando essa arte é francamente contestatória em relação a eles. Por mais severa que possa ser a nossa crítica à indústria do entretenimento de massa, não se pode esquecer que essa indústria não é um monolito. Por ser complexa, ela está repleta de contradições internas e é nessas suas brechas que o artista pode penetrar para propor alternativas qualitativas. Assim, não há nenhuma razão porque, no interior da indústria do entretenimento, não possam despontar produtos — como programas de televisão, videoclipes, música pop, etc — que em termos de qualidade, originalidade e densidade significativa rivalizem com a melhor arte “séria” de nosso tempo. (MACHADO, 2002).

Assim, a ideia de arte-mídia-educação adicionada às aulas de arte e do Projeto de Cinema na Escola, os estudantes são convidados a participar de produção de roteiro, análise de filmes importantes para a história do cinema e também de produções do cenário alternativo, amador e estudantil, passando pela organização das ideias em planejamento, discussão dos temas de interesse, conhecimento da

linguagem cinematográfica, filmagem, e elaboração de obras audiovisuais autorais de diferentes gêneros: animação (através da técnica do *stop-motion*), vídeo-poesia, documentário e filmes de ficção de curta-metragem.

Esta proposta deve ser explorada também na busca da diversidade cultural, de gênero e pontos de vista, ampliando o repertório pessoal e trabalhando coletivamente na aquisição de novos significados, levando em consideração o contexto já existente, extraíndo sua essência, relacionado o tempo e o espaço, propondo novas realidades e novas formas de se expressar dentro do interesse próprio e coletivo.

O domínio escolar das palavras só quer que os estudantes descrevam as coisas, não que as compreendam. Assim, quanto mais se distingue descrição de compreensão, mais se controla a consciência dos alunos. Eles são mantidos só no nível superficial da realidade e não vão além, não chegam a uma compreensão crítica profunda sobre o que torna sua realidade o que ela é. Esse tipo de consciência crítica dos estudantes seria um desafio ideológico à classe dominante. Quanto mais essa dicotomia entre ler palavras e ler realidade se exerce na escola, mais nos convencemos de que nossa tarefa, na escola ou na faculdade, é apenas trabalhar com conceitos, apenas trabalhar com textos que falam sobre conceitos. Porém, na medida em que estamos sendo treinados numa vigorosa dicotomia entre o mundo das palavras e o mundo real, trabalhar com conceitos escritos num texto significa obrigatoriamente dicotomizar o texto do contexto. E então nos tornamos, cada vez mais, especialistas em ler palavras, sem nos preocupar em vincular a leitura com uma melhor compreensão de mundo. (FREIRE, 1986, p.85-86).

Segundo Paulo Freire (1986) a dicotomia entre os conceitos transmitidos pela escola e a leitura de mundo, a interpretação da realidade, faz com que os indivíduos e conseqüentemente a sociedade façam uma leitura descritiva das condições estabelecidas a eles, mas não uma compreensão e um discernimento destas condições impostas. Lembrando sempre que a “grande mídia” (escrita, televisiva e falada) alimentam essa leitura descritiva.

Assim, como a palavra e o texto, a linguagem cinematográfica, através da produção audiovisual na escola, é um instrumento que potencializa o ato libertador da dominação social, que no capitalismo leva obrigatoriamente também a exclusão social. A compreensão dos fatos e acontecimentos que ocorrem a nossa volta, a compreensão do mundo circundante, levaria ao questionamento da dominação e da imposição. A educação, podendo dar-se através palavra e da escrita ou da produção e interpretação de imagens, poderia levar o sujeito e seu meio ao empoderamento e autonomia. O texto e contexto convergidos no cinema, através de uma leitura crítica da realidade vivida, propondo uma reação ética e estética para o presente, com base

no entendimento do passado histórico para que possamos planejar um futuro dentro das nossas aspirações, como se planeja um filme.

Na utilização do cinema na escola pode se aproximar do cotidiano estudantil e propor-lhe novas abordagens, valendo-se de materiais e linguagens que são próprios da juventude.

2.1 VÍDEO-ESCOLA: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NAS AULAS DE ARTE

Dentre a atividades que foram propostas na Produção-Didático-Pedagógica encontra-se primeiramente a entrevista com o colega, que consiste basicamente na utilização dos equipamentos (câmera, microfone, rebatedor, luzes), na exposição dos estudantes diante da aparelhagem e na distribuição de tarefas. Cada equipe poderia elaborar perguntas para os entrevistados ou este poderia apresentar-se de forma autônoma, contando um pouco dos seus gostos, suas aspirações ou angustias. Diante do curto espaço de tempo das aulas, algumas entrevistas tiveram que ser editadas quando eles dispunham de *softwares* de edição em suas residências. Esta tarefa possibilitou que as afinidades para determinadas funções fossem propiciando uma integração enquanto equipe. A junção das entrevistas deu origem a primeira produção autoral coletiva que foi intitulada de “Primeiras Conversas” (2017).

A primeira dificuldade enfrentada na realização desta etapa é o medo e a vergonha da exposição diante da câmera. Todos os envolvidos foram estimulados à aparição, porém àqueles mais resistentes foi dada a opção de exercerem diferentes papéis diante do planejamento, captação e produção do material. Mas também houveram negação quanto a participar da proposta impondo obstáculos como o “não posso”, “não consigo”, “não sei fazer” ou o “é muito difícil”. Questões que foram logo desmistificadas através da explanação das etapas do trabalho pedagógico e da própria visualização das obras produzidas pelos colegas, que comprovaram a real possibilidade de elaboração do trabalho. Inclusive, de início, houve o questionamento de alguns pais quanto a validade e necessidade da produção de realização de vídeos escola, questões que foram novamente sanadas através da explicação da aplicabilidade do Projeto.

Ainda sobre esta primeira atividade é interessante destacar a variedade de temas e assuntos que foram abordados pelos realizadores, indo da apresentação pessoal, narrando sua biografia, como por exemplo: onde mora, onde cursou a escola primária, faz um curso profissionalizante, etc. Outros preferiram expor abordagens sobre variados assuntos, como homossexualismo, bipolaridade, ufos ou o próprio cinema. Houveram aqueles que preferiram contar histórias fictícias de locais mágicos, personagens com poderes sobrenaturais ou transtornados psicologicamente. O destaque desta atividade ficou por conta da obra denominada “O que falta no mundo” (2017), onde as autoras colocaram seus pontos de vista sobre as relações pessoais, a vida, seus aspectos gregários e seus hábitos muitas vezes incorretos, a autoafirmação diante dos questionamentos e inseguranças da adolescência.



Instantâneos do filme “Primeiras Conversas”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zZfVNqpRShc>, acessado em 30/10/2017.

Com base nos critérios técnicos, o trabalho destacou-se pela utilização da luz, do plano de fundo, itens que os outros grupos não observaram e que passaram despercebidos até mesmo pelo professor, pois a dinâmica do espaço escolar, muitas vezes, impede que tais requisitos sejam observados, seja pelo curto tempo destinado às aulas, ou mesmo pelo excesso de estudantes por turma. A realização deste primeiro filme em especial, foi muito enriquecedor para a comunidade escolar como um todo, pois cada estudante, em seus diferentes estágios de maturidade, aceitação e domínio da linguagem, pôde trocar experiências e desenvolver o senso estético de maneira individual e coletiva. Há mais de um século o cinema encanta, provoca e comove as pessoas em todo o mundo. É uma arte centenária que possibilita ser pensada como linguagem educativa e utilizada com frequência, com enfoque desejável para uma metodologia didática.

A maioria das experiências relatadas ocorridas na escola, relacionadas ao uso do cinema como ferramenta pedagógica, ainda se prendem ao conteúdo das histórias, das fábulas em si, e não são discutidos outros aspectos que compõe a experiência do cinema, a relação com vida cotidiana juvenil e a possibilidade de abordagem autoral, que podem ser exemplificados, dinamizados e transformados pela abordagem da linguagem cinematográfica no ambiente escolar, carregada de sentido crítico e pedagógico.

Utilizar o vídeo escola como linguagem mediadora no processo de ensino e aprendizagem, em linhas gerais, insere o próprio cinema no campo de atuação pedagógico, atribuindo uma nova leitura do seu *telos* para emancipação, participação ativa onde o estudante deve ser atuante, reflexivo segundo Kant (2009) contribui para maioria, superando a preguiça e a covardia que deixam o sujeito na menoridade independente do tempo cronológico que este possui.

Ainda o uso didático pedagógico de filmes no ambiente escolar pode ser abordado por três elementos que estão presentes no filme: o conteúdo, a linguagem e a técnica, conforme Marcos Napolitano (2009, p.28). Na implementação da Produção Didático-Pedagógica também foi desenvolvida a atividade de Mostra de filmes relativos ao chamado primeiro cinema. Os filmes mudos em preto e branco, embora conhecidos por uma parcela do público sempre causam surpresa quando relativizados aos costumes de época, e servem como exemplos nítidos para o estudo da linguagem cinematográfica, pois os ângulos e enquadramentos que foram usados há nos primórdios da arte fílmica ainda podem ser utilizados como exemplos comparativos às produções atuais.

Como uma extensão do Projeto, pois este foi destinado ao ensino médio, e, baseado nestes primeiros filmes, foram realizadas algumas releituras dos filmes dos irmãos Lumière³ pelo ensino fundamental, mantendo as principais características destes primeiros filmes como o registro do cotidiano, o uso do plano estático, mas previamente estudado e discutido para melhor apreensão da cena; o que resultou na produção intitulada “Minuto Amyntas” (2017).

³ Foi em 28 de dezembro de 1895 a primeira exibição pública do cinema, os irmãos Lumière (Auguste e Louis) apresentaram o aparelho capaz de filmar e projetar imagens em movimento, chamado de cinematógrafo. Tratavam-se de filmes com menos de 1 minuto de duração que mostravam situações simples do cotidiano, como: “A Saída dos Operários da Fábrica” (1895), “A Chegada do Trem à Estação” (1895), “O Desjejum do Bebê” (1895), “O Regador Regado” (1895), Demolição de um muro” (1896).

A mostra de filmes também abrangeu as produções de curta-metragem de origem nacional, como uma proposta alternativa a estética hollywoodiana⁴ impregnada no imaginário do coletivo popular. Nas primeiras exhibições destas produções, muitas delas independentes, universitárias ou amadoras, houve um estranhamento por parte da plateia, justamente pela falta de hábito. Com o passar das exhibições, aconteceu uma gradual assimilação e um maior entendimento de que existe uma alternativa diferente para realizar filmes, que a produção brasileira é bastante rica e diversificada, e, que, sim, é possível realizar os próprios filmes desde que haja estudo, empenho e comprometimento pelos integrantes do grupo.

Ainda como característica dos filmes dos irmãos Lumière, o registro de cenas do cotidiano, foi utilizado na atividade de registro de aula de campo. Tradicionalmente a escola faz visitas à museus, cinemas, lugares turísticos e históricos, porém neste ano de 2017 está em vigor uma decisão judicial que impede que ônibus convencionais façam o transporte intermunicipal. Como os museus pretendidos ficam localizados na cidade de Curitiba, o transporte dos estudantes fica impedido, apesar da pequena distância. As demais alternativas de transporte são economicamente inviáveis e assim, a aula de campo limitou-se a uma única oportunidade, porém bastante produtiva, que foi a visita ao Parque Estadual de Vila Velha. Neste local, em meio à exuberância da natureza, pode-se aliar os conhecimentos multidisciplinares de geografia e arte com depoimentos, exercícios de planos e o registro documental.

Os fundamentos da linguagem cinematográfica foram aplicados em todas as etapas do projeto, em cada uma das atividades propostas os planos, enquadramentos, sequência de cenas, movimentos de câmera eram explicados de maneira que os estudantes tivessem condição de assimilar e aplicar em suas produções, sendo estimulados a pensarem cada vez mais cedo na utilização destes códigos, já na fase de planejamento de suas produções.

⁴ A produção que tem como finalidade o mercado, atender a estética do público, sendo necessário a obtenção de lucro, por isso a preocupação com a reflexão ou com problematizar o cotidiano não são a finalidade desse tipo de produção, inserido nesse viés a captura da aura da obra de arte o que importa na estética hollywoodiana é vender e lucrar e o entretenimento como meio de obtenção de um capital econômico. A cultura desenvolvida desconsidera o senso artístico, a apreciação da obra e a leitura de mundo que a obra de arte pode potencializar, mas o cinema como técnica assumido a premissa de produzir para a cultura de massa no viés da menoridade como compreende Kant (2009).

A construção considerou e analisou com os estudantes o desenvolvimento que o cinema alcançou desde o momento em os primeiros filmes dos irmãos Lumière eram muito simples e sem montagem, ou seja, eram constituídos de um plano, sem a continuidade da narrativa por outro plano. Pode-se notar, entretanto, a preocupação com a utilização de determinado plano dependendo da cena que se queria mostrar, como por exemplo, a escolha de um plano médio para o filme “O Desjejum do Bebê” (1895), ou a utilização de um plano geral para “A Saída dos operários da Fábrica (1895), embora provavelmente estes planos ainda não tivessem essa denominação. Nessa fase a câmera não se movia, nem buscava ângulos diferenciados ou planos mais distintos. “Em geral, a câmera ficava estática, de modo a mostrar o corpo inteiro de todo um conjunto de pessoas, realizando panorâmicas apenas para reenquadrar certas ações mais movimentadas” (MASCARELLO, 2006, p. 29).

Foi somente num segundo momento, no início do século XX, com o mágico ilusionista Georges Méliès, que os filmes ganharam a montagem, com cortes e sequencia de cenas de diferentes e planos e até mesmo a utilização de efeitos especiais, caracterizando, cada vez mais, o cinema com uma linguagem própria, a linguagem cinematográfica, que o distinguiria das demais modalidades artísticas, como a pintura, a literatura ou o teatro.

Assim, os cineastas começaram a perceber a influência que determinadas maneiras de filmar refletiam nos expectadores. Um enquadramento mais aberto ou mais fechado causava efeitos diferentes. Mover a câmera poderia servir para acompanhar um personagem ou descrever uma paisagem, simulando um movimento de cabeça. Filmar o personagem da altura de seu olhar era a opção mais comum, mas que sensações a utilização de uma angulação diferenciada poderia causar no expectador? Filmar de cima para baixo poderia causar uma sensação de opressão, ou filmar de baixo para cima, causaria a percepção de imponência. Todas essas descobertas foram formando uma linguagem própria do cinema, a linguagem cinematográfica, composta essencialmente de imagens.

Nesse momento foi intensificada a atividade de estudo dos planos cinematográficos, que consistiu na identificação dos variados enquadramentos, ângulos e movimentos de câmera, nos filmes de diferentes épocas, suas nomenclaturas e aplicabilidades e a reprodução dos mesmos através da fotografia. Para o exercício de efetivo emprego da linguagem audiovisual, com ênfase nos

enquadramentos, foi proposta a atividade denominada filme-haikai. O Haikai é uma forma poética, originalmente japonesa, que chega ao cinema através do cineasta russo Serguei Eisenstein⁵ (1898-1948). O Haikai trabalha com objetividade e laconismos a montagem de três versos, e, embora a forma original do haikai seja de contemplação à natureza, às estações do ano, quando chegou ao Brasil, ganhou uma maior liberdade de temas e na forma métrica da composição, assim como o filme haikai. Eisenstein se apropria dessa montagem para refletir sobre a concisão e a possibilidade do cinema exprimir conceitos e ideias através de uma alta “qualidade emocional”. Ou seja, são os próprios leitores/expectadores que tornam a interpretação do haikai uma experiência artística.

Primeiramente foram apresentados uma série autores e seus haicais para os estudantes (Matsuo Bashô, Helena Kolody, Paulo Leminski, entre outros); partindo destes exemplares, os estudantes foram convidados a comporem seus próprios haicais, e levados a exemplos de filmes-haicais, onde cada verso é transformado num plano cinematográfico. Escolhido o poema, em grupo ou individualmente, os estudantes compuseram três planos, cada plano associado a um verso/linha do haikai. Como resultado foram obtidos filmes surpreendentes, revelando uma sensibilidade poética e o cinema como poesia. A reunião dos filmes haicais deu origem ao “Filme Haikai Amyntas” (2017). Novamente houve uma grande variedade de temas e assuntos abordados. A primeira versão do Filme Haikai Amyntas ficou com aproximadamente 40 minutos de duração, sendo selecionadas aquelas obras que continham apenas imagens próprias, não foram aceitas imagens captadas da internet, filmes muito longos ou que fizessem apologias às drogas ou violência, embora estes temas estejam muito presentes na sociedade, primou-se por uma linhagem poética. A escrita do haikai também teve como critério o ineditismo, sendo que todos os trabalhos

⁵ Eisenstein desenvolveu a técnica de montagem cinematográfica, uma nova forma, não tão naturalista, de enfatizar a expressividade e a mensagem de determinada sequência. Para Eisenstein, isso seria uma série de tomadas/planos que expressam uma condição psicológica. Ou seja, é uma montagem, e de forma bastante lacônica. Esse laconismo também figurava para o russo como um importante atributo para os cineastas, que devem exprimir ideias e contar uma história através de combinações de imagens, não através de explicações semânticas com palavras.

foram considerados, mas a essência autoral foi o princípio firmado e colocado em prática pelos estudantes em suas obras audiovisuais.

O cinema corresponde [...] ao nosso desejo de criar o mundo novamente não como na religião, como uma explicação obrigatória e mais ou menos dogmática, nem como a arte, como irrepetível acontecimento estético, mas como um possível fluir de imagens de diferentes tipos, ilimitadas, ordenadas, significativas e mutáveis, que oferece um sentimento de autocompreensão do mundo e também o fascínio pela surpresa e a vibração (HERRMANN, 2001, p. 92 Apud ADAM, 2015, p. 83-84).



Instantâneos do Filme Haicai Amyntas, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=M3UI6YhqP7g>, acessado em 30/10/2017.

No intuito de promover e valorizar o trabalho realizado pelos estudantes buscou-se a inscrição em festivais estudantis, sendo que estes em seus critérios de seleção estabelecem limite de tempo de duração para as produções. Foi uma questão bastante difícil realizar uma nova filtragem para obter uma produção que obedecesse aos termos de aceitação. Como deixar de fora obras das quais acompanhou-se todo o processo de criação? O empenho da realização e a dedicação por parte de seus realizadores? Mas com muito critério e decisão coletiva chegou-se a uma versão definitiva. Assim a obra foi inscrita e selecionada para o Festival Internacional de Cinema Estudantil – Cinest – de Santa Maria/RS e o Festival Nacional de Cinema Estudantil de Guaíba/RS. Existe ainda o Festival de Cinema de Pinhais, que acontece no primeiro semestre de cada ano, e na edição de 2018, esta produção também será

inscrita na categoria estudantil, e por se tratar de um evento local os estudantes/realizadores terão a oportunidade de verem-se na telona do cinema.



Instantâneos do Filme Haicai Amyntas, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=M3UI6YhqP7g>, acessado em 30/10/2017.

Embora não seja o objetivo principal, a participação nestes festivais propicia a visualização do trabalho realizado e conseqüentemente a valorização perante toda a comunidade escolar, serve de estímulo à continuidade das ações e também coloca os estudantes em contato com a rede de divulgação destas obras alternativas e singulares, diferenciando-se do circuito comercial tão massificado pelo senso comum.

Uma questão a ser aprofundada é a utilização dos temas relacionados à violência e à drogadição nas produções estudantis da aplicabilidade deste projeto. A princípio zelou-se pela linguagem poética mais próxima do haicai, dando liberdade de criação mas também limitando a intenção de explicitar cenas de violência gratuita, uso de drogas ilícitas e a temáticas de zumbis. São temas recorrentes da idade e da própria sociedade contemporânea. Porém são assuntos já levados à exaustão, tão valorizados pelos clichês do cinema e da televisão. Por vezes houveram questionamentos, por parte dos estudantes realizadores, quanto à limitação temática, como assunto que merecia ser discutido e retratado por parte dos jovens. Não se pode negligenciar a utilização dos temas das drogas e da violência, como se estes não estivessem tão presentes em nosso cotidiano e muitas vezes representado com maestria, criatividade e inovação como no caso do cinema novo, que tinha em sua “Estética da

Fome” o intuito de trazer um estado de consciência perante as condições sociais a que o povo estava, e continua, submetido.

A década de 50 marca um novo momento significativo para a relação entre ciências sociais e cinema. Década bastante rica em possibilidades, viu nascer dois irmãos que tinham, ao mesmo tempo, características bastante diferentes: O cinema-verdade e o cinema direto (SILVA, 2007, p.145).

Oriundo da virada das décadas de 1950 e 1960, o Cinema Novo⁶ tinha como preceito a procura da realização de uma arte cinematográfica genuinamente brasileira, em contraponto ao padrão dominante da estética hollywoodiana de produção. Tendo em Glauber Rocha (1939–1981), um de seus precursores e talvez o maior nome, com obras inovadoras que mostrariam a condição social e política em que o país se encontrava, e que em muito ainda hoje se assemelha. Predominavam assuntos voltados à miséria, a fome, a violência e a alienação religiosa.

O neo-realismo do cinema italiano foi a base para o desenvolvimento do movimento cinemanovista, apontando novas perspectivas e formas para a produção de um cinema autêntico na sua concepção, que superava a dificuldade orçamentária investindo na criatividade e na originalidade, desenvolvendo uma estética própria no modo de expor a realidade social da opressão, da fome e da miséria através de uma qualidade plástica que superava o estilo precursor.

O cinema novo brasileiro apresentava a realidade da exploração do trabalho do povo brasileiro, através de uma visão crítica da sociedade estruturada para esse fim e que assim permanece, em sua essência, trouxe a proposta da discussão política, dialogando com as questões da coletividade não só brasileira, mas latino-americana como um todo e o terceiro mundo de maneira geral. As questões impostas pelo sistema capitalista são amplamente expostas em sua temática como: as lutas pela emancipação das classes menos favorecidas, a convivência da religião com essa dominação, o esforço da classe política para a continuidade da relação social pré-estabelecida, e também prega o anticolonialismo, quando propõe uma estética nova para a libertação não só social mas cultural.

⁶ O cinema novo brasileiro caracteriza-se pela preferência por temas sociais e políticos, interpretações espontâneas e despojadas, mescladas com gestos de grande vigor e violência, cenários rústicos e iluminação natural, linguagem metafórica para compor as cenas e os personagens, enfatizando uma liberdade narrativa pouco usada até então.

A proposta de novas possibilidades para a arte cinematográfica talvez tenha sido um dos principais méritos do cinema novo brasileiro, reconhecido internacionalmente por essa característica inovadora. O ponto de partida desta então nova tendência não foi a reprodução de uma realidade importada e imposta pela grande indústria, mas sim de uma realidade presente e vivenciada no cotidiano da sociedade brasileira, experienciada por todos, produtores e consumidores do cinema, mas até então não exposta ou mostrada de maneira maquiada e/ou desfigurada. Agora o cinema brasileiro e mundial ganha uma face nua e crua. “Onde houver um cineasta, de qualquer idade ou de qualquer procedência, pronto a pôr seu cinema a serviço das causas importantes de seu tempo, aí haverá um germe do cinema novo”. (ROCHA, 2004, p. 67)

Com base nessas proposições, a atividade seguinte consistiu na realização de um filme de curta-metragem. Para tanto fez-se necessário a criação do roteiro para audiovisual. O roteiro é a forma escrita de um filme, é o documento que guiará a produção, traçará a rota, mostrará o que deve ser feito para que a história seja contada. No roteiro deverão estar todas as informações necessárias para que a história seja compreendida por todos os diretores, atores e técnicos que trabalharão no filme. Esta foi uma etapa bastante árdua, pois a escrita coletiva demandou tempo e dedicação por parte dos realizadores, dentre as fases preliminares, de correção e ajustes até se chegar a história finalizada contendo todos os elementos necessários: personagens, ambientes, objetos importantes, e o tempo e o espaço em que se passa a história. No decorrer da escrita coletiva, surgiram adaptações interessantes para a história apresentada, onde os estudantes aproveitaram para estimular a criatividade e a capacidade para ampliar seus universos pessoais, incluindo cenas, retirando ou colocando personagens, reinventando falas ou acontecimentos que poderiam tornar a história mais divertida, mais dramática, mais interessante; adaptando e ficcionando a realidade.

Os dias de filmagem são os de maior expectativa, ansiedade e dedicação. É interessante criar este clima pois no exercício do filme dedica-se mais tempo à preparação do que a filmagem propriamente dita, e, durante esse processo é possível perceber se a organização dos dias anteriores foram feitas adequadamente, assim

serão minimizados os problemas de imprevistos tão comuns nos *sets de filmagem*⁷. Importante destacar que cabe o improviso durante as gravações, porém o ideal é que estas possibilidades sejam previamente definidas, mas sempre surgem novas ideias no momento da efetiva filmagem, e assim, é nesse momento que o filme ganha vida e o que foi feito durante todo o processo das gravações é o que estará para sempre registrado.

Embora a implementação do Projeto estivesse prevista para o primeiro semestre do ano de 2017, não houve tempo hábil para a realização de todas as atividades propostas. Aliás, verificou-se na prática que o número de atividades inseridas no material didático é muito numerosa se comparado ao tempo destinado às aulas de arte dentro do currículo do ensino médio.

Logo, optou-se por dar continuidade ao Projeto, onde foi trabalhado a oficina de roteiro, a decupagem⁸, filmagem e edição dos curta-metragens, sendo que estes ainda estão em processo, alguns trabalhos mais amadurecidos e outros ainda embrionados, dentro de seus tempos de gestação. A expectativa é que consigam ser finalizados a tempo para a exibição de final de ano onde serão apresentadas todas as produções resultantes do Projeto.

Assim, a utilização do vídeo-escola enquanto ferramenta pedagógica, no âmbito da arte-mídia-educação, mostrou-se uma prática devidamente positiva no âmbito escolar devido à afinidade, atratividade e multidisciplinaridade, sendo que as atividades propostas e a produção final poderão incitar significativamente o desenvolvimento do senso crítico, através da leitura e interpretação de mundo, da contextualização e da expressão, para que os jovens estudantes possam desenvolverem seu potencial crítico e criativo, como cidadãos protagonistas da própria história, propondo novas abordagens para as relações sociais, tudo isso impulsionado

⁷ "Set", é uma palavra em inglês que, nesse contexto, significa "cena" ou "cenário". O set de filmagem é o local em que se faz um filme, cada cena necessita de um set de filmagem, podendo ser interno ou externo, criado especificamente para a cena ou adaptado a ela. O set de filmagem pode ser de poucas, dezenas a algumas centenas de pessoas, dependendo do tamanho da produção.

⁸ A palavra decupagem vem do francês *découpage* e significa recortar, ou cortar dando forma. Esse termo é usado em diversas etapas da produção cinematográfica, do roteiro, passando pela produção e chegando a edição do filme. A decupagem de produção compreende o processo de levantamento de todas as necessidades de um filme, desde locações (sets de filmagem) até objetos de cena e figurino dos atores. Para essa elaboração há necessidade de estudar muito bem o roteiro e interpretá-lo nos mínimos detalhes para imaginar como a história será contada por meio de planos cinematográficos.

pela escola pública paranaense de qualidade, orientado pelas aulas de arte e das produções cinematográficas.

O vídeo-escola pode ser inserido como projeto artístico, midiático e educativo, mas também sócio-cultural e aplicado diante de uma metodologia original de educação emancipadora, baseada na prática pedagógica, do aprender fazendo; fundamentada nos princípios de valores éticos e estéticos, mas sempre questionando as práticas sociais, incentivando os estudantes a exercerem a cidadania, o compromisso com a construção da coletividade através do comprometimento, da doação de seu tempo. A utilização do dispositivo do audiovisual pode propor o desenvolvimento da sociedade, da cultura e da sustentabilidade, trazendo benefícios para si próprio, e conseqüentemente para a família, partindo da comunidade escolar e atingindo a comunidade local.

O desenvolvimento da linguagem cinematográfica tende a tornar-se um instrumento de propagação dos saberes das mais diversas áreas do conhecimento, quando utilizada de forma interdisciplinar e cooperativa. Assim, a produção cinematográfica estudantil vem se colocando como meio de expressão e comunicação, mediadora das diferentes áreas do conhecimento, como meio de manifestação dos sentimentos individuais e coletivos, autoafirmação por parte de seus executores perante a sociedade e diante de si mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola intitulado “Vídeo-Escola: Arte, Mídia e Educação Confluindo na Produção audiovisual”, teve como objetivo promover a integração da arte, através das mídias e tecnologias digitais com a produção audiovisual, abrindo novas possibilidades para o ensino da arte na escola. Assim, o a utilização da ferramenta cinematográfica na escola ganha uma conotação mais ampla e visa o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da capacidade crítica e analítica na contextualização do mundo circundante. As atividades propostas tiveram a pretensão de conquistar diálogos possíveis entre os estudantes e as artes visuais por meio de ações educativas midiáticas e a produção de obras audiovisuais.

No trabalho cotidiano com os estudantes percebe-se um certo desinteresse pelas atividades escolares, seja pelo seu distanciamento da realidade vivida por esses estudantes, seja pela falta de vínculo com os interesses próprios da idade. Assim a escola acaba não interagindo de forma satisfatória com seu público alvo. Em contrapartida quando as atividades escolares são dirigidas para suas reais necessidades e se utilizam de meios dos quais estes adolescentes dominam ou se interessam, tudo pode tornar-se mais atrativo e conseqüentemente produtivo.

Por meio de registros imagéticos, textos narrativos e/ou poéticos, e discussões, é levantado, por parte dos estudantes participantes, seus medos, angustias e aflições, assim como aspirações, possibilidades e sentimentos variados, que podem ser expressados por meio dos recursos midiáticos, transformados em obras cinematográficas. Após um período de observação, estudo das variáveis, produção, edição e exibição o trabalho artístico torna-se visível e apreciável por toda a comunidade, assim o fazer artístico fecha um ciclo e se completa.

O avanço tecnológico tem se tornado uma constante na realidade das mais diversas sociedades ao redor do planeta. A escola enquanto reflexo, e ao mesmo tempo agente transformador das condições destas mesmas sociedades deve estar aberta e disponível a assimilação de tais transformações. Estas mudanças, mais especificamente impregnadas na expressão artística, condicionam o educador a procurar novos mecanismos de trabalho, que podem até estar distantes da sua realidade, mesmo diante de todas as dificuldades das condições de trabalho, como

falta de espaço físico e equipamento adequados, ou pela desvalorização profissional imposta pela política governamental.

A arte contemporânea vem apresentando-se assimiladora das mais variadas formas de expressão, utilizando-se de ferramentas que valorizam o fazer artístico dentro do contexto escolar. Estas ferramentas e programas precisam ser dominadas por seus aplicadores (professores), através de contatos com as tecnologias e também experiência práticas, e isso se dá através de capacitação e valorização profissional.

Indispensável também o questionamento estético, a reflexão das sensações, das definições, dos conceitos e consequências que este fazer artístico utilizando-se dos recursos tecnológicos da informática trará para esse estudante, enquanto ser atuante e transformador da atual e futura sociedade.

Ao longo da Implementação do Projeto surgiram obstáculos como a indisponibilidade de sala de projeção, ou dificuldade de transporte para uma aula de campo. O curto tempo hábil para a realização das atividades e aprofundamento do estudo. Mesmo assim, chega-se a este momento com a sensação de satisfação pela realização de uma proposta de trabalho que se tornou bastante significativa para ambas as partes envolvidas, pois a realização do professor é ver e sentir o conhecimento pairando sobre seus estudantes, neste caso, registrado através do audiovisual. Promovendo atitudes e valores para a vivência em sociedade, demonstrando sensibilidade às diferenças. Usando as mídias e as tecnologias de forma crítica, reflexiva e produtiva.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Julio Cezar. **O culto cristão como memória do sofrimento**: Considerações Acerca da Impossibilidade da Memória do Sofrimento em Adorno e a Memória Litúrgica Judaico Cristão. Tear. Online. São Leopoldo v. 4. n.1. p. 78-88 – jan-jul. 2015.
- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Minima moralia**. São Paulo: Ática, 1993
- ALMEIDA, Milton J. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 2001.
- AUMONT, Jacques. **A estética do Filme**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- BERGALA, Alain. **A hipótese cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; Cinead/LISEFE/UFRJ: 2008.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Nova Cultural Brasiliense, 1985.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- _____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FRIEDRICH, S.P.; SCHEID, N.M.J. **O cinema como tecnologia para o estudo das representações ambientais presentes no filme Avatar**. In: IV ENEBIO e II EREBIO da Regional 4, 2012, Goiânia-GO, UFG. Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), São Carlos-SP, v.5, p.1-8, 2012. 1 CD-ROM.
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- JENKINGS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2010.
- LUCA, Luiz Gonzaga Assis de. **A Hora do Cinema Digital**: democratização e globalização do audiovisual. 1ed. São Paulo: Impressão Oficial, 2009
- LYRA, Maria Bernadette Cunha de. O lugar do cinema. **Sessões do Imaginário**• Porto Alegre • nº 8 • agosto 2002. p. 54-58.
- KANT. **Resposta à questão – o que é esclarecimento?** In: MARÇAL, Jairo (org.) Antologia de Textos Filosóficos. Curitiba: SEED – Pr., 2009.(406-415)
- MACHADO, Arlindo. **Arte-mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- MASCARELLO, Fernando. **História do cinema Mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.
- MIGLIORIN, Cesar. **Inevitavelmente cinema**: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século vinte (o espírito do tempo)**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 1999.
- RODRIGUES, Chris. **O cinema e a Produção**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- SILVA, Josué Pereira da, Org. **Para uma Sociologia do Século XX**. São Paulo: Annablume, 2007.
- SILVA, Alessandra Collaço da. **Arte, mídia e cinema na escola**: um ensinar que (me) ensina! Florianópolis, 2012. 214 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de

Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação

SOUZA, Edileuza Penha. **Negritude, cinema e educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

VALENTE, José Armando. **Diferentes Usos do Computador na Educação**. Em Aberto, Brasília, ano 12, nº. 57, p.03-16. Jan./Mar. 1993.

XAVIER, Ismail. **O Cinema Brasileiro Moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.